

PRESENÇA DA LÍNGUA PORTUGUESA NO DICIONÁRIO DA REAL ACADEMIA ESPANHOLA DA LÍNGUA

Ângela Marina Chaves Ferreira (UFRJ)

RESUMO

Apresentar o resultado da investigação sobre algumas unidades léxicas oriundas da língua portuguesa que formam parte do Dicionário da Língua Espanhola, organizado pela Real Academia Espanhola da Língua, contrastando tais lemas com os incluídos em dicionários brasileiros de prestígio, com o intuito de levantar os aspectos que teriam levado tais unidades à dicionarização em língua espanhola: diatópicos, diacrônicos, diastráticos.

PALAVRAS-CHAVE: Língua portuguesa, Dicionário, Academia, Lexicologia

APRESENTAÇÃO

Procuramos fazer um resumo panorâmico de como a língua portuguesa se apresenta registrada no dicionário oficial da língua espanhola, o *Diccionario de la lengua española*, da Real Academia Española de la Lengua. Para isto, percorremos os verbetes da vigésima primeira edição, de 1992 e o documento utilizado foi a versão eletrônica do dicionário. Dentro do item “línguas romance” encontramos o total de 197 verbetes que mencionam origens etimológicas que fazem referência ao português, lembramos que o dicionário pesquisado tem 83.014 entradas. Destacamos alguns artigos para análise e os contrastamos com as vozes correspondentes no *Novo Aurélio Eletrônico – Século XXVI* (1999) e no *Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa* (2001). As análises e observações sobre o material pesquisado fazem parte deste trabalho. Incluímos também um breve histórico das origens do Dicionário da Real Academia assim como da instituição que o realiza, situando sua importância para os falantes do espanhol.

UM POUCO SOBRE O DICIONÁRIO E A ACADEMIA

Normalmente identificado pela abreviatura DRAE, o *Diccionario de la lengua española* é uma obra produzida pela Real Academia Espanhola da Língua, também abreviadamente nomeada RAE. A Academia foi fundada em 1713 com o objetivo de preservar a língua e conta com o aval do Estado espanhol desde que teve seu fun-

cionamento outorgado por Felipe V em 1714. Tem como característica ser a instituição responsável pela normatização da língua, como está explícito nos objetivos que a própria Academia traz nos seus estatutos,

La institución ha ido adaptando sus funciones a los tiempos que le ha tocado vivir. Actualmente, y según lo establecido por el artículo primero de sus Estatutos, la Academia «tiene como misión principal velar porque los cambios que experimente la Lengua Española en su constante adaptación a las necesidades de sus hablantes no quiebren la esencial unidad que mantiene en todo el ámbito hispánico. (www.rae.es/, disponível em 2002)

Conta para efetuar seu trabalho, com uma associação de 22 Academias de Língua Espanhola, distribuídas por países que têm o espanhol como língua oficial ou não, incluindo-se neste grupo a própria RAE ao lado das Academias Mexicana, Cubana, Argentina, Chilena, Venezuela, Peruana, Hondurenha, Guatemalteca – para citar apenas algumas – e as Academias das Filipinas e dos Estados Unidos, que enviam colaborações periódicas para a atualização do dicionário da língua.¹

O DRAE é um dicionário geral, monolíngüe, obra de caráter normativo, prescritivo e de autoridade dentro da língua espanhola, destinada aos nativos. De acordo com o senso comum dos usuários, só o que está contido no DRAE faz parte da língua, assim também como há uma relação de respeito e aceitação quanto ao que a *Real Academia* postula em termos lingüísticos, da mesma forma, na esfera

¹ Estatutos de la Asociación de Academias de la Lengua Española, artículo 1º) La Asociación está integrada por las veintidós Academias de la Lengua Española que existen en el mundo.: La Real Academia Española, la Academia Colombiana de la Lengua, la Academia Ecuatoriana de la Lengua, la Academia Mexicana, la Academia Salvadoreña de la Lengua, la Academia Venezolana de la Lengua, la Academia Chilena de la Lengua, la Academia Peruana de la Lengua, la Academia Guatemalteca de la Lengua, la Academia Costarricense de la Lengua, la Academia Filipina de la Lengua Española, la Academia Panameña de la Lengua, la Academia Cubana de la Lengua, la Academia Paraguaya de la Lengua Española, la Academia Dominicana de la Lengua, la Academia Boliviana de la Lengua, la Academia Nicaragüense de la Lengua, la Academia Hondureña de la Lengua, la Academia Puertorriqueña de la Lengua Española, la Academia Norteamericana de la Lengua Española, la Academia Argentina de Letras y la Academia Nacional de Letras del Uruguay forman una Asociación de Academias cuyo fin es trabajar en pro de la unidad, integridad y crecimiento del idioma común. (Fonte: www.rae.es/).

acadêmica. Podemos destacar algumas, entre várias opiniões sobre a importância da obra para o mundo hispânico:

(...) este libro, en cuanto referencia obligada, está en la mesa de todo hispanista que se precie (...) (Richard, 2000: 8).

En efecto, un diccionario que se propone reunir y explicar formas o acepciones ausentes del DRAE tendrá más credibilidad si ofrece citas ilustrativas para cada una de las acepciones que vaya presentando (...) (Richard, 2000: :9).

O dicionário teve, até 2001, 22 edições (1780, 1783, 1791, 1803, 1817, 1822, 1832, 1837, 1843, 1852, 1869, 1884, 1899, 1914, 1925, 1936, 1947, 1956, 1970, 1984 e 1992, 2001), (Fernández, 1996: p. 17). Atualmente, é reeditado em um intervalo de tempo em torno de 10 anos. O inventário léxico do DRAE, desde a primeira edição (1780) até a 21ª (1992), mostra que a quantidade de verbetes mais do que dobrou, passando de aproximadamente 40.000 verbetes a 83.014 (www.rae.es) em 1992³. Este dicionário, chamado “vulgar”, passou a fazer parte do patrimônio comum de todos os hispano-falantes, “consagra” ou “canoniza” uma palavra ou acepção, outorga-lhe o selo de “oficial” e, por sua extensão no tempo ou no espaço, um termo nele incluído passa a fazer parte do acervo da comunidade hispano-falante. (Sosa, 2000: 364-365)

O Dicionário da RAE estrutura-se de modo abrangente e tem o objetivo de registrar a língua espanhola na totalidade, em suas várias possibilidades de emprego e, para isso, apresenta termos usuais e antiquados, vários desusados, além de neologismos, tecnicismos, regionalismos, *hispano-americanismos*, gírias e mais recentemente, palavras e lemas de caráter tabu.

LEMAS DE ORIGEM PORTUGUESA

Para o levantamento das entradas foi utilizada a versão eletrônica da 21ª edição do DRAE, de 1992.² Seleccionamos o documento *linguas romance* para localizar os verbetes que continham alguma referência à origem portuguesa. Destacamos que o número maior de

² Registramos o lançamento da 22ª edição do dicionário, em outubro de 2001, aumentando o número de verbetes em relação à edição de 1992 e da qual não foi possível fazer uma análise neste trabalho.

remissões do documento está centrado nas origens gerais francesa (maior concentração) e italiana, embora existam outras marcas – total de 53 – como galego, provençal, occitano³, valenciano, francês antigo, catalão, catalão dialetal, napolitano, siciliano, italiano meridional, para citar apenas algumas. Como já apontamos anteriormente, encontramos 179 lemas associados ao português.

Observamos na nossa pesquisa que alguns lemas estão introduzidos na língua espanhola com as mesmas formas do português. Outros, entretanto, se apresentam já incorporados ao espanhol, ou seja, sua forma apresenta características próprias da língua de destino. É importante abrir um parêntese neste ponto para destacar que uma característica muito freqüente da língua espanhola é dar o formato de sua própria língua às palavras tomadas de outros idiomas (exemplos como *baloncesto* ou *balonmano* - do inglês respectivamente, *basketball* e *handball* são comuns). Embora nem todas as tentativas sejam frutíferas, um bom número de palavras de origem estrangeira sofreu esse processo.

Para facilitar a ordenação dos comentários, consideramos três grupos de unidades léxicas, segundo as características que determinamos previamente: Grupo 1 – palavras de escrita igual, oriundas do português; Grupo 2 – palavras de escrita espanhola oriundas do português; Grupo 3- palavras de escrita igual ao português ou de forma espanhola oriundas do português brasileiro. (DRAE, 1992)

Retomando a colocação inicial, teremos ao lado de palavras dicionarizadas com as formas idênticas às da língua portuguesa e muitas vezes também, com o mesmo significado, como as selecionadas no Grupo 1: *abandar, angra, bandeja, broa, caneca, caneco, coco, despejar, escuna, espiar, faca*, (Cf. DRAE, 1992, s.v.) *junco, la-cre, manga, menino, pancada, saudade, saudosos, vigiar*, outras que estão “*espanholizadas*”. Deste grupo, que nomeamos Grupo 2, escolhemos para exemplificar *aguiero (de aguieiro), angelín (de angelim), bambú (de bambu), bucio (de búzio), cambullón (cambulhão), carabela (de caravela), esclavatura (de escravatura), laya (de laia)*,

³ Conjunto de dialetos românicos do sul da França antigos e modernos; também provençal antigo; oriundo da Occitânia: região que compreendia o Languedoc e o litoral mediterrâneo francês na Idade Média. (DRAE, 1992)

marullo (de *marulho*), *mejillón* (de *mexilhão*), *mermelada*⁴ (de *marmelada*), *pantalla* (de *pantalha*), *ratiño* (de *ratinho*), *volcán* (de *volcão sic*). Estão incluídas, formando o Grupo 3, outras entradas a destacar como as especificamente nomeadas como oriundas do *português brasileiro*: *capanga* (voz *brasileña*, de *capanga*: *guardaespaladas*), *capuera* (de *capueira sic*), *chumbo*, 2ª *acepção* (de *chumbo*), *tucura* (de *tucura*: *langosta*), a partir de duas das quais procuramos refletir em seguida.

BRASILEIRISMOS?

Encontramos a noção de *brasileirismo* através da leitura de Celso Cunha (1987), que elabora minuciosa argumentação tomando como base os conceitos de *americanismo*, principalmente dos hispanistas Ambrosio Rabanales e de José Pedro Rona e também de Matoso Câmara Júnior e Sílvio Elia além de Sá Nunes, Silveira Bueno e Celso Luft Sinteticamente, pode ser entendido como *brasileirismo qualquer fenômeno lingüístico que caracterize o português do Brasil em confronto com o de Portugal* (Sílvio Elia ap Cunha, 1987: 27). Celso Cunha registra a existência de outro grupo que “não menciona a inexistência do fato no português europeu, mas o afirmam indiretamente ao considerarem-no *típico, próprio, peculiar, característico, privativo da nossa variante idiomática*” (Cunha, 1987: 28). É pensamento de Antenor Nascentes, Aurélio Buarque de Holanda, Antonio Houaiss, Mario Gonçalves Viana e dicionaristas que é *palavra ou locução própria dos brasileiros* (Holanda). Conclui Cunha (1987:79) ao responder à pergunta “*Que é um brasileiro?*”, que não se pode negar sua existência antes, porém, é necessário desfazer a ambigüidade do conceito através de respostas que se condicionem diretamente ao objetivo do estudo que será realizado, sincrônico ou diacrônico, sintópico ou diatópico, sinstrático ou diastrático. Chama a atenção ademais para que não seja esquecido que “a criação de uma forma idiomática ou a especialização semântica de outra não se fazem ao azar, mas com uma visão interessada” (Cunha, 1987: 66) porque os indivíduos jamais renunciam as suas visões pessoais, aos

⁴ Na língua espanhola, *mermelada* é qualquer tipo de geléia, p.e., *mermelada de fresas* (geléia de morangos).

seus modos de conhecer, valorizar e se esforçam para manter a personalidade própria, a identidade legitimada pelo nascimento.

Após as reflexões que certamente suscitaram esses tão discutidos conceitos, voltamos a nossa questão inicial: comentar as inclusões de lemas oriundos da língua portuguesa especificamente os que estão marcados como *oriundos do português brasileiro*. Depois do levantamento dos verbetes no espanhol DRAE que apresentavam esta informação determinada, consultamos as edições brasileiras Novo Dicionário Aurélio e Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa para realizar as comparações.

Quadro comparativo dos dicionários

Espanhol: DRAE

lema	origem	acepções
<i>capanga</i>	<i>voz português brasileiro</i>	guarda-costas
<i>tucura</i>	<i>português brasileiro</i>	<i>gafanhoto, lagosta</i>

Brasileiros: Houaiss / Aurélio

lema	origem	acepções
<i>capanga</i>	<i>africana (HA)</i>	sf: bolsa pequena usada a tiracolo em viagens (HA) sf: bolsa pequena de mão usada, sobretudo por homens (A) bolsa pequena de mão ou cintura (H) sf: Capanga usada como atributo por Oxossi, Oxa-guiã e Logunedé (A) sf: partida de diamantes comprada por capangueiro (H) sm: valentão que se coloca a serviço de quem paga (A) sm: homem de confiança contratado como guarda-costas (H) <i>sm: montante das compras de diamantes feitas por capangueiros (A)</i>
<i>tucura</i>	tupi (HA)	gafanhoto (HA) beijos amiadados (A)

Algumas observações

A partir do quadro de comparações apresentado, é possível observar alguns matizes de significado distintos entre os dicionários

brasileiros e diferenças maiores em relação aos sentidos dos lemas que dizem respeito ao espanhol. Não temos em português o significado de *lagosta* para *tucura* como aponta o Dicionário da Real Academia. Outro fato a destacar é a ordem das acepções para a unidade léxica *capanga* – com o significado de *guarda-costas*, como consta da obra espanhola – é a última apresentada nos dicionários do Brasil. As primeiras acepções, reservadas para os empregos mais frequentes quando são ordenados os verbetes dos dicionários, dão os sentidos de bolsa, ou de viagem ou de mão. Estas constatações feitas através da análise dos verbetes nos levam a refletir sobre que caminhos o dicionário de língua espanhola percorreu para incorporá-las a seu repositório lexical, uma vez que após a dicionarização tais unidades léxicas passam a ter o status de palavras do espanhol. Acreditamos que no caso das duas escolhidas, *capanga* se incorporou à língua através da oralidade com esse significado – o de guarda-costas, em geral uma forma empregada pela nossa polícia, em um linguajar peculiar, possivelmente um critério diatópico. Sobre *tucura*, os significados são coincidentes em uma das acepções, como pudemos observar na análise do quadro comparativo, *lagosta* e *gafanhoto*. Carecemos, entretanto, de um estudo mais aprofundado incorporando inclusive pesquisas de critérios sincrônicos de inclusão nas obras lexicográficas mais antigas e dicionários etimológicos - o que no momento, não foi possível realizar. Enfatizamos que nossa intenção neste trabalho foi tão somente levantar alguns dados que merecem sem dúvida, investigação mais acurada e extensa.

Ao refletir sobre a questão dos *brasileirismos* tomando como ponto de partida as idéias dos professores Celso Cunha e Silvio Elia, expostas brevemente em momento anterior, poderia ser prematuro classificar as entradas analisadas com a rubrica *brasileirismos* por alguns motivos: é fato que são palavras usadas no Brasil que em um determinado momento passaram a ser empregadas por hispano-americanos, pela proximidade geográfica mais provavelmente, ou talvez pelos espanhóis e foram incorporadas ao dicionário normativo da língua espanhola. Entretanto, não estamos contrastando o que se usa no Brasil com o que é empregado em Portugal e não podemos responder pelo alcance de uso dos vocábulos em ambas situações, peninsular e americana. No entanto, se tomamos uma síntese do pensamento de Nascentes, Holanda, Houaiss entre outros, *palavra ou*

expressão própria do português falado ou escrito no Brasil (Nascen-tes), é admissível atribuir ao corpus coletado a rubrica *brasileirismo*, em um primeiro momento.

Também é possível refletir sobre o uso das unidades léxicas analisadas na língua espanhola e enquanto falantes das duas línguas (portuguesa e espanhola), não encontramos com frequência o vocábulo *tucura* seja no português seja no espanhol. Seguindo o mesmo raciocínio, dentro do grupo geral das palavras pesquisadas do português, podemos afirmar que *saudade* não é uma forma utilizada repetidamente na língua espanhola. Para indicar este sentimento tão bem expresso através da língua portuguesa, os hispânicos lançam mão de *nostalgia* ou *morriña* ou da expressão *echar de menos*. As palavras analisadas existem, portanto, dicionarizadas na língua espanhola, mas não podemos afirmar que são de *uso freqüente* ou *comum* entre hispânicos.

COMENTÁRIOS FINAIS

Neste momento, o que temos em mãos é somente um grupo de pontos ínfimos de reflexão que lançamos como quem joga garrafas ao mar para obter respostas as suas perguntas: estamos levantando hipóteses que merecem estudos mais completos. Os questionamentos aqui apresentados são provenientes do próprio trabalho constante com o dicionário que propicia e alimenta sempre esta necessidade de busca, de descoberta de soluções os estudiosos costumam resgatar a partir das múltiplas informações contidas nos verbetes desta *caixa mágica* que é a obra lexicográfica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CUNHA, Celso. *Língua portuguesa e realidade brasileira*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1986, 123 p.

———. *Que é um brasileiro?* Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1987, 68 p.

DICCIONARIO de hispanoamericanismos – no recogidos por la Real Academia. 2ª edición aumentada Coord. Renaud Richard. Madrid: Ediciones Cátedra, 2000.

DICIONÁRIO eletrônico Aurélio da língua portuguesa século XXI. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Lexikon Informática.

FERNÁNDEZ, Dolores Azorín. El diccionario de la Real Academia Española: un puente entre el pasado y el presente de nuestra lexicografía. In *Cuadernos Cervantes de la lengua española*. Madrid: ELR, 1996, p. 16-20.

HOUAISS, Antonio. *Dicionário Eletrônico da Língua Portuguesa*. São Paulo: Objetiva, 2001.

REAL Academia Española. *Diccionario de la Lengua Española*. 21ª ed. eletrônica. Madrid: Espasa-Calpe, 1992.

———. www.rae.es. Última consulta em 20/10/2002.

SOSA, Enrique Obediente. *Biografía de una lengua: nacimiento, desarrollo y expansión del español*. Costa Rica: Libro Universitario Regional, 2000, p. 341-92.